

Nascido há 200 anos, Ludwig van Beethoven ainda projeta sua sombra sôbre todos os compositores. Êste ano, comemorando o bicentenário de seu nascimento, o mundo rende homenagem ao gênio revolucionário de Beethoven

O Homem que Libertou a Música

HAROLD C. SCHONBERG

Crítico musical do Times de Nova York

VOCÊ ACHA que já ouviu Beethoven? Pois espere. Êste é o ano do bicentenário de seu nascimento—16 de dezembro de 1770—e os músicos, em batalhões e exércitos mobilizados sob o seu estandarte, preparam-se para comemorar o acontecimento.

Em Bonn, onde Beethoven nasceu, o bicentenário será objeto de rituais solenes. A Áustria está quase em pé de guerra, com verbas condizentes, para honrar o titã que passou grande parte de sua vida em

Viena. Em boa parte do resto do mundo organizações musicais que normalmente já apresentariam grandes doses de Beethoven—ciclos das nove sinfonias, 10 sonatas para violino, 16 quartetos de cordas, 32 sonatas para piano—farão isso com entusiasmo ainda maior, apoiadas no fato de que em 1970 estarão participando de um ritual. Êste é o ano de Beethoven.

Sombra Permanente. Beethoven sobreviverá a essa ofensiva de saturação como já sobreviveu a muitas



outras no passado, inclusive as que comemoraram, em 1927, o centenário de sua morte. Se êle é o mais popular e, na opinião geral, o maior de todos os compositores (não obstante Bach e Mozart), não é sem razão. Nenhum outro compositor nos dá tamanha sensação de grandeza, de personalidade, de fôrça e probidade, de lógica estrutural combinada com uma visão global do mundo. Na presença das maiores obras de Beethoven todos nós nos sentimos pequenos, convulsivamente arrebatados pela torrente de sua imaginação. Até as maiores mentalidades musicais que se seguiram a êle tremiam e empalideciam quando discutiam e escreviam sôbre Beethoven. Mais do que ninguém, sabiam quanto Beethoven era grande.

O homem continua lançando sua sombra poderosa sôbre tôda a música. Os atuais compositores de vanguarda, que odeiam tôda a música romântica, que pregam uma anarquia libertária em que qualquer série de sons sem relação entre si é chamada de música—até êstes se ajoelham diante de Beethoven. Reconhecem uma alma irmã, uma pessoa impaciente com as formas e as tradições de sua época, resolvida a criar novas formas para suas idéias novas. Em suma, um revolucionário.

Êle não só transformou a música. Modificou também a imagem do compositor. Uma das maiores diferenças entre Beethoven e todos os outros músicos que vieram antes dêle é que Beethoven se considerava

um artista e insistia em seus direitos como artista. Os compositores anteriores a êle consideravam-se hábeis artesãos que forneciam um produto, e a idéia de compor para a posteridade não entrava em suas cabeças. Mas Beethoven pertencia a uma estirpe especial, e êle o sabia. Era um criador e, como tal, superior a reis e príncipes.

Um Gênio de Alta Voltagem. Êle tinha o que faltava ao pobre Mozart—uma personalidade forte que assustava todos os que entravam em contato com êle. “Nunca encontrei um artista de tal concentração e intensidade espiritual”, escreveu Goethe, “de tal vitalidade e grandeza de coração. Compreendo perfeitamente que êle tenha dificuldade em se adaptar ao mundo e seus costumes.” Longe estava Goethe de compreender Beethoven. Com Beethoven não era uma questão de se adaptar ao mundo e seus costumes. Era uma questão de o mundo se adaptar aos costumes dêle. Êle agarrou a sociedade pela garganta e obrigou-a a escutar o que tinha a dizer. A não ser pela sua surdez, Beethoven conseguiu quase sempre obrigar a vida a aceitar as suas condições. E o conseguiu a despeito de maneiras deploráveis e falhas de caráter.

Nunca bonito, na juventude Beethoven era chamado *der Spagnol* por causa de sua tez morena. Era baixo (cêrca de 1,63 m), atarracado e largo, com cabelos exuberantes e revoltos, nariz pequeno e redondo, e tinha o hábito de cuspir

Beethoven e Nós

O FESTIVAL Beethoven, programado pela Orquestra Sinfônica Brasileira, a Sala Cecília Meireles e o Conservatório Brasileiro de Música para celebrar o bicentenário do nascimento do grande compositor, é um dos mais completos e bem elaborados do mundo. Os brasileiros, durante este ano de 1970, estão tendo e ainda terão oportunidade de aplaudir músicos internacionais da categoria de Gyorgy Cziffra, Rudolph Serkin, Kurt Masur, o Trio Istomin-Stern-Rose, Claudio Arrau, Pierre Fournier, Friederich Gulda, Hans Graf, Christian Ferras, Pierre Barbizet, além dos brasileiros Guiomar Novaes, Magdalena Tagliaferro, Néelson Freire, Jacques Klein, Armando Estrêla, Iberê Gomes Grosso e outros, em concertos e recitais de homenagem a Beethoven.

As nove sinfonias de Beethoven foram executadas pela O. S. B., regida pelo alemão Kurt Masur. Este mês eu regerei os Concertos 1, 2, 3, 4 e 5 para piano e orquestra, tendo Claudio Arrau como solista.

Na Sala Cecília Meireles estamos tendo audições integrais das Sonatas para Piano, com Gulda, Klein, Graf, Arrau e Estrêla; Quartetos de Cordas, com o Quarteto de Praga; Sonatas para Piano e Violino, com Ferras e Barbizet; Sonatas para Piano e Violoncelo, com Fournier e Fonda; Trios para Piano, Violino e Violoncelo, com Serkin, Schneider e Parnas, e os Quartetos para Piano e Cordas, com Estrêla, Iacovino, Stephany e Gomes Grosso. Encerrando o Festival, em dezembro, teremos um concurso de piano, de âmbito nacional, patrocinado pelo Conservatório Brasileiro de Música e organizado pelo pianista Jacques Klein e por mim.

Quaisquer informações sobre os concertos ainda a realizarem-se no corrente ano devem ser solicitadas à Orquestra Sinfônica Brasileira, Avenida Rio Branco, 135, Rio de Janeiro—ZC-21, GB.

—Maestro Isaac Karabtchevsky, Diretor Musical da O.S.B.

sempre que lhe apetecia. Era desajeitado, e tudo o que pegava corria risco de ser quebrado. Mal dotado de coordenação, não tinha a menor elegância e nunca conseguiu aprender a dançar.

Sombrio e desconfiado, tão susceptível como uma serpente misantrópica, acreditava que todo mundo estava sempre querendo enganá-lo. Tinha ataques de fúria insensata e

envolveu-se em alguns negócios pouco honestos com seus editôres. Autodidata, não era o que se poderia chamar um intelectual, e fora da música seus processos mentais não tinham nada de notável. Vivia em ambientes indescritivelmente sujos, em grande parte porque não havia empregada que conseguisse aturar seus ataques de nervos.

Em 1809 recebeu a visita do

Barão de Trémont, e eis como êsse escandalizado personagem descreveu a moradia de Beethoven: "Imaginem o local mais escuro e desarrumado que se possa conceber—um piano de cauda velho, no qual a poeira disputa lugar com várias partituras; debaixo do piano (não exagero) um urinol cheio. As cadeiras, a maior parte de palhinha, estavam cobertas de pratos ainda com os restos do jantar da véspera, peças de roupa, etc."

Fôrça da Natureza. Beethoven era desorganizado em tudo, menos na coisa que importava realmente— a sua música. Provinciano de Bonn, Beethoven foi criado como menino-prodígio por seu pai, um músico da côrte, homem dissoluto. Submetendo Ludwig a um regime severo, o pai esperava que o menino se tornasse capaz de repetir os feitos do jovem Mozart. A coisa não correu assim. Muito embora tivesse muito talento, Ludwig não nascera para ser o macaquinho engraçado dos mais velhos.

Era a sua originalidade que o destacava. Êle era uma fôrça da Natureza, e nada podia contê-lo. Nunca recebeu muita instrução em composição, e a verdade é que tôda a sua educação musical foi extraordinariamente superficial. Recebeu algumas lições de compositores famosos da época, inclusive Haydn e Mozart, mas nunca foi um aluno fácil de ensinar. Tinha demasiada confiança em seu próprio gênio, e uma vez que se decidia a respeito

de alguma coisa, *sabia* que estava certo. Sempre olhou com desconfiança as regras de harmonia. Quando um de seus amigos lhe apontou uma série de quintas paralelas em sua música—pecado mortal em harmonia clássica—Beethoven encrespou-se. "Eu as admito", disse êle, e encerrou o assunto.

Virtuose Violento. Primeiro tornou-se famoso como pianista. Quando se instalou em Viena em 1792, seu estilo de interpretação causou a mais profunda impressão. Os vienenses estavam acostumados ao estilo suave e fluente preferido por Mozart. E eis que aparece o jovem Beethoven, de mãos erguidas, rebentando o piano, quebrando cordas, buscando no teclado uma espécie de sonoridade orquestral que ninguém explorara até então. Em sua busca de maior fôrça, Beethoven implorou aos fabricantes que lhe dessem um instrumento melhor do que o leve piano vienense, o qual, dizia êle, tinha som de harpa.

Ao passo que os pianistas anteriores seduziam a platéia com suavidade e elegância, Beethoven colocava-lhes bombas sob as cadeiras. Beethoven foi o maior pianista do seu tempo e talvez o maior improvisador de todos os tempos. Sob muitos aspectos êle foi o primeiro dos grandes virtuosos modernos do piano.

Em pouco tempo tinha o mundo a seus pés. Fazia sucesso, era honrado e admirado. Suas composições começavam a chamar a atenção na

Europa. Entre seus alunos estavam alguns dos nomes mais famosos de Viena. Financeiramente estava indo muito bem. "Minhas composições me dão bom dinheiro", escreveu êle a um velho amigo em 1801. "Eu digo o meu preço, e êles pagam."

Quase foi adotado pela aristocracia. Convidado para grandes palácios, êle não se deixava impressionar: "É fácil se dar bem com a nobreza quando se tem alguma coisa com que impressioná-la." Haydn e Mozart tinham de jantar com os criados; mas não Beethoven, que ficava profundamente ofendido quando não era colocado ao lado de seu anfitrião. Não só êle freqüentava a sociedade, mas tudo indica também que se apaixonou e desapaixonou por várias de suas damas—muito embora nunca se tenha casado.

O Ouvido Interior. Mas algo terrível estava começando a acontecer. Beethoven perdia a audição. Êle tentou tudo para deter a deterioração auricular, chegando a recorrer a charlatães. Sua batalha foi heróica, épica. Continuou a tocar piano e insistia em reger sua própria música. Seus gestos desordenados deixavam a orquestra desorientada, e os músicos aprenderam a não olhar para êle, dando, em vez disso, atenção ao primeiro violino. Em 1817 estava quase completamente surdo, embora ainda tivesse seus bons dias nos quais podia ouvir música ou fala sem o auxílio da corneta acústica.

Quem não é músico acha quase impossível imaginar como é que

um compositor surdo pode funcionar. Mas qualquer bom músico, ou até mesmo um amador talentoso, pode tomar uma partitura e lê-la, "ouvindo" tudo o que está nela. Era por isso que Beethoven, com seu cérebro incrivelmente musical e sua afinação perfeita, não tinha qualquer dificuldade em escrever música guiado apenas por seu ouvido interior.

No auge da batalha desesperadora contra a surdez, Beethoven estava trabalhando na sinfonia "Eroica". A estréia teve lugar a 7 de abril de 1805—e com um arranco convulsivo a música entrou no século XIX. As platéias viram-se diante de um monstro de sinfonia, muito mais longa do que qualquer outra anteriormente escrita e com uma partitura muito mais pesada; uma sinfonia de fôrça titânica, de violentas dissonâncias. Viena dividiu-se. Alguns chamavam-na a obra-prima de Beethoven. Outros insistiam que ela apenas ilustrava uma busca mal sucedida de originalidade. Os descrentes eram em número maior do que os admiradores, e o compositor ficou infeliz, mas recusou-se a mudar uma só nota.

Beethoven havia começado como compositor dentro da tradição clássica, mas os conceitos postos em movimento por Rousseau, pela Revolução Francesa e pela Revolução Industrial davam à sua música uma qualidade intensa e auto-expressiva. Nela o explosivo Beethoven despia sua alma diante de todos.

Apogeu Sublime. Depois do marco que foi a "Eroica" um nôvo período se iniciou. Beethoven dobrou e torceu a forma da sonata para adaptá-la a êle. Sua inventividade e seus recursos nunca enfraqueciam. Êle conseguiu, na Quinta Sinfonia, erigir tôda uma estrutura sôbre quatro notas. Conseguiu, na "Appassionata", conceber uma obra que quebra tôdas as regras clássicas e que irrompe selvaticamente através de todo o teclado. Por volta de 1811 houve uma queda na produtividade de Beethoven. Estava sofrendo do fígado e dos intestinos e envolvendo-se num longo e doloroso litígio em tôrno da tutela de seu sobrinho. À medida que sua surdez ia se tornando total, êle se refugiava cada vez mais em seu mundo musical interior. Foi um período de gestação do qual nasceriam suas criações gigantescas e místicas—a "Missa Solemnis", os últimos cinco quartetos de cordas, as sonatas para piano e a Nona Sinfonia.

A Nona Sinfonia teve sua estréia a 7 de maio de 1824—com apenas dois ensaios de conjunto! A apresentação deve ter sido catastrófica. O côro teve dificuldade em cantar a música, e pedia que as notas altas fôssem rebaixadas. Beethoven recusou. No concêrto, os cantores que não conseguiam alcançar as notas agudas pulavam-nas simplesmente. Mas assim como a "Eroica" foi o

ponto de partida da música do século XIX, a Nona Sinfonia foi, de tôda a obra de Beethoven, a que tomou conta da imaginação dos românticos posteriores. Para êles ela representava a essência do homem—um desafio à forma, uma conclamação à fraternidade, uma gigantesca explosão tonal, uma experiência espiritual igualmente titânica.

Aqui de fato nos encontramos num plano musical rarefeito. Nada semelhante jamais foi composto, nada semelhante o poderá ser. É a música de um homem que tudo viu e tudo experimentou, de um homem recolhido em seu mundo silencioso de sofrimento, que não escreve mais para agradar a quem quer que seja, mas apenas para justificar tanto a existência artística quanto a intelectual.

Beethoven morreu em 26 de março de 1827, após longa enfermidade. A dar crédito aos relatos da época, houve um trovão, e o moribundo soergueu-se e sacudiu o punho fechado em desafio na direção do ruído. A história parece demasiado fabricada, um pouco romantizada demais para ser verdade, porém Beethoven atravessou a vida desafiando tudo. Por que não desafiar também, no final da luta, os elementos e o próprio Deus? O homem é redimido pela sua música—o conjunto de música mais possante e coeso já reunido por um compositor.

